

## O mal-estar docente na Educação Infantil

Jeciane Silva Pereira <sup>1</sup>  
Lia Silva Fonteles Serra <sup>2</sup>

**Resumo:** Com as constantes mudanças e avanços na cultura contemporânea, as professoras da educação infantil têm seu mal-estar intensificado. Assim, a presente pesquisa analisa como as docentes da educação infantil expressam e enfrentam o seu mal-estar na prática pedagógica, identificando sua relação com os desafios enfrentados. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e pesquisa de campo. O instrumento utilizado para coletar os dados foi a entrevista semiestruturada, que foi realizada em uma instituição de São Luís do Maranhão com 5 professoras. O embasamento teórico inclui Freud (2010), que define o mal-estar como um estado perturbador, intrínseco à condição humana, e Fanizzi (2023), que aborda o sofrimento docente. Os resultados indicam que a cultura contemporânea, marcada por mudanças tecnológicas, educacionais e sociais, insufla o mal-estar das professoras, apontando para a perda de autoridade e dificuldade no relacionamento com as crianças.

**Palavras-chave:** Mal-estar; Docentes; Educação Infantil.

### Teacher malaise in early childhood education

**Abstract:** With the constant changes and advancements in contemporary culture, early childhood education teachers experience an intensified sense of discomfort. Thus, this research analyzes how early childhood education teachers express and cope with their discomfort in pedagogical practice, identifying its relationship with the challenges they face. It is a qualitative investigation, including bibliographic review and field research. The instrument used for data collection was the semi-structured interview, conducted with 5 teachers from an institution in São Luís, Maranhão. The theoretical framework includes Freud (2010), who defines discomfort as a disturbing state intrinsic to the human condition, and Fanizzi (2023), who addresses teacher suffering. The results indicate that contemporary culture, marked by technological, educational, and social changes, exacerbates teachers' discomfort, pointing to a loss of authority and difficulties in relationships with children.

**Keywords:** Malaise; Educators; Early childhood education.

### Malestar de los profesores de educación infantil

**Resumen:** Con los constantes cambios y avances de la cultura contemporánea, los profesores de educación infantil experimentan un malestar intensificado. Esta investigación analiza cómo las maestras de educación infantil expresan y afrontan su malestar en la práctica pedagógica, identificando su relación con los retos a los que se enfrentan. Se trata de una investigación cualitativa, con revisión bibliográfica e investigación de campo. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue la entrevista semiestruturada, realizada en una institución de São Luís do Maranhão con

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão. Atualmente faz parte do grupo de pesquisa GEPPE que possui como eixo temático psicanálise e educação., ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7124-6170>, e-mail: [jeciane.pereira@discente.ufma.br](mailto:jeciane.pereira@discente.ufma.br)

<sup>2</sup> Psicanalista. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo - USP (2021). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2013). Graduada em Psicologia (2009) e em Pedagogia (2008). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8617-7151>, e-mail: [lia.fonteles@ufma.br](mailto:lia.fonteles@ufma.br)

cinco professoras. La base teórica incluye Freud (2010), que define el malestar como un estado perturbador intrínseco a la condición humana, y Fanizzi (2023), que aborda el sufrimiento docente. Los resultados indican que la cultura contemporánea, marcada por los cambios tecnológicos, educativos y sociales, infla el malestar de los profesores, señalando la pérdida de autoridad y las dificultades en las relaciones con los niños.

**Palabras-clave:** Malestar; Profesores; Educación Infantil.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa justifica-se pela importância de escutarmos o mal-estar de professoras da educação infantil, a fim de compreendermos os aspectos que insuflam este mal-estar. “A expressão mal-estar está presente na obra de Sigmund Freud 2010 (1856- 1939) para dizer de um estado perturbador que aflige os seres humanos” (Ferreira; Pereira, 2012, p. 4). Esse mal-estar docente se manifesta através de sintomas psicológicos e até mesmo físicos. Compreender o que aflige os (as) docentes na educação infantil é essencial para promover um ambiente de trabalho que reduza o mal-estar.

A motivação para pesquisar o mal-estar docente na educação infantil surgiu a partir da experiência prévia com essa etapa educacional, despertando o interesse em compreender o que contribui para o mal-estar das docentes e como ele se manifesta diante dos desafios enfrentados.

A educação infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças em suas fases iniciais de formação. Nesse contexto, os (as) professores (as) que atuam nesse nível de ensino têm uma responsabilidade significativa na constituição psíquica dessas crianças. Kupfer e Lerner (2014, p. 221) relatam que “Os professores nas creches são não apenas importantes para prover os cuidados físicos e cognitivos, mas desempenham um papel fundamental em seu desenvolvimento psíquico”.

Desse modo, ao lidar com a delicada tarefa de cuidar e educar as crianças em seus primeiros anos de vida, os (as) docentes se deparam com uma diversidade de demandas que vão desde a necessidade de fazer a função estruturante no desenvolvimento psíquico até questões relacionadas à gestão da sala de aula, à adaptação de metodologias pedagógicas e ao estabelecimento de vínculos afetivos com as crianças e suas famílias.

Quando os(as) docentes enfrentam altos níveis de estresse, insatisfação profissional ou esgotamento, isso pode impactar negativamente tanto sua prática pedagógica quanto sua condição psíquica. Ao analisar como as professoras da educação infantil da escola Aprender, em São Luís (nome fictício utilizado para manter o anonimato da instituição) expressam o seu mal-estar, torna-se possível compreender os impactos desses desafios nos seguintes aspectos: psíquicos, profissionais e sociais das docentes. Nesse sentido, a pergunta que orienta esta pesquisa é: quais fatores contribuem para o mal-estar docente em professoras da educação infantil?

Diante disso, a pesquisa é relevante porque permite ouvir as docentes da educação infantil, de modo a escutar o mal-estar que as aflige, identificando a relação com os desafios que permeiam esse ofício. Na obra “Sofrimento docente” de Fanizzi (2023), é possível perceber o quanto os professores (as) sofrem com a precarização material e simbólica em seu ofício. Assim como a docência pode trazer felicidade e satisfação para os (as) docentes também pode trazer angústia e sofrimento.

A seguir, apresentamos o caminho percorrido, a metodologia da pesquisa, que oferece uma análise detalhada dos procedimentos adotados, abordando o tipo da pesquisa, o universo da pesquisa, os participantes, bem como o instrumento de coleta e a análise de dados.

## 2 METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é qualitativa, pois busca compreender um fenômeno. Para Lima (2012, p. 5), “a pesquisa qualitativa considera a complexidade e a variabilidade dos fenômenos humanos culturais”. Assim, ela visa proporcionar a escuta sobre o mal-estar docente na educação infantil.

Trata-se de uma pesquisa de campo com revisão bibliográfica que, a partir da teoria psicanalítica, propõe-se a investigar as questões de subjetividade que permeiam o mal-estar docente. Nesse sentido, a escuta se torna essencial para captar as subjetividades, ou seja, entender não só o que insufla esse mal-estar, mas também como ele é vivido e percebido pelas professoras, levando em conta suas experiências, sentimentos, percepções e reações.

O universo da pesquisa foi a Instituição Aprender, uma escola de educação infantil localizada em São Luís do Maranhão, de cunho privado. A escolha desta instituição se deu pela sua representatividade no contexto da pesquisa, por ser uma instituição de educação infantil e pelo contato prévio com a mesma.

As participantes colaboradoras da pesquisa foram 5 docentes do sexo feminino que atuam diretamente com as crianças na etapa da educação infantil na escola Aprender. Todas tiveram seus nomes substituídos, por professora 1, professora 2, professora 3, professora 4 e professora 5, como forma de manter o anonimato das participantes. Todas são formadas em Pedagogia e possuem ao menos uma pós-graduação, todas contam com uma boa experiência na educação infantil. O tempo de atuação do grupo varia de 5 a 15 anos. A mais nova das participantes possui 32 anos e a mais velha delas possui 41 anos. Das 5 professoras, 3 possuem filhos. Todas trabalham uma carga horária de 40 horas semanais.

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi a entrevista semiestruturada, realizada entre os dias 08 e 09 de agosto de 2024, que permitiu que as participantes expressassem as suas experiências e emoções de uma forma mais livre. Vale ressaltar que foi realizada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como forma de garantia dos aspectos éticos da pesquisa.

A escolha desse instrumento está alinhada à abordagem psicanalítica adotada na pesquisa, que valoriza a circulação da palavra como um meio fundamental para compreender as dimensões subjetivas do sujeito. Sendo assim, percebemos como se manifesta o mal-estar nas docentes da educação infantil, identificando a relação entre o mal-estar e os desafios da docência. Em último plano, após a coleta de dados e informações por meio da entrevista semiestruturada, os dados foram analisados utilizando-se a técnica de análise de conteúdo. Portanto, a metodologia proposta detalha os procedimentos adotados para a realização desta pesquisa.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, exploraremos o que dizem as docentes da educação infantil, diante do seu mal-estar. O mal-estar abordado por Sigmund Freud (1930; 2010) refere-se à sensação

de desconforto e descontentamento que surge devido à tensão entre os desejos e as demandas da sociedade em que o sujeito vive (Santos, 2020). Dessa forma, o mal-estar surge devido a civilização, a cultura, as regras impostas na sociedade, impedindo o indivíduo da sua satisfação pulsional. “Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição” (Freud, 2010, p. 21).

A tentativa de adequação individual às regras sociais causa sofrimento na medida em que é necessário abrir mão de uma parcela de satisfação em benefício de um bem almejado para o grupo, de modo que, para atender as normas sociais, o homem passa a se autorregular, sendo, muitas vezes, o próprio agente de sua castração (Santos, 2020, p. 4).

Além do mais, na mesma medida em que o mal-estar é estrutural, ele é também conjuntural, variando conforme o contexto cultural do indivíduo. Ao longo dos anos, as culturas se transformam em resposta a mudanças sociais, econômicas e tecnológicas, o que leva à modificação dos fatores que geram o mal-estar. Assim, os sujeitos são constantemente expostos a novos valores, expectativas e desafios que moldam suas experiências e, conseqüentemente, suas vivências de mal-estar.

Por fazer parte desse processo, o mal-estar torna-se um fenômeno complexo e atrelado à conjuntura sócio-histórica. Portanto, gostaria de afirmar que trabalho na perspectiva de que, embora o fenômeno do mal-estar tenha dimensões individuais, ele é um fenômeno cultural e sócio-histórico e, portanto, enfrenta transformações oriundas da mudança que a sociedade atravessa (Aranda, 2023, p. 15).

Aranda (2023) relata que vivemos em uma sociedade que faz o sujeito sentir-se insuficiente e insatisfeito e a experimentar um sentimento muito elevado de frustração e culpa. Quando as pessoas não conseguem atingir os objetivos que devem ser alcançados através do esforço individual, frequentemente se sentem culpadas. A sociedade tende a responsabilizar o indivíduo por suas falhas, ignorando os fatores externos e estruturais que também influenciam os resultados. Bauman (2001, p. 43) menciona que:

Se ficam doentes, supõe-se que foi porque não foram suficientemente decididos e industriais para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista, ou porque não se esforçaram o suficiente para encontrar trabalho, ou por que são, pura e simplesmente, avessos ao trabalho; se não estão seguros sobre as perspectivas de carreira e se agoniam sobre o futuro, é porque não são suficientemente bons em fazer amigos e

influenciar pessoas e deixaram de aprender e dominar, como deveriam, as artes da autoexpressão e da impressão que causam.

Dessa forma, fica claro que tudo depende apenas do esforço pessoal para tudo o que fazemos, e a sociedade nos responsabiliza por cada uma de nossas falhas. Assim, os problemas e dificuldades pessoais são vistos como falhas individuais, e conseqüentemente, o mal-estar está sempre presente em cada ser humano. Portanto, para Freud (1930; 2010), o mal-estar é um sentimento inevitável que todos experimentamos devido à natureza intrínseca da vida em sociedade. Fanizzi (2023, p. 116) cita Freud em sua obra acerca do mal-estar na civilização:

O mal-estar na civilização, consiste naquele experimentado por todos os seres que vivem na cultura. Ainda que distintas culturas possam conduzir diferentes formas de expressão do mal-estar, não há como contorná-lo; o mal-estar faz parte da noção mesma de cultura. E uma vez que não há sujeito sem o social, tampouco o seu inverso, resta aos sujeitos o desafio de encontrarem formas de se haver com esse mal-estar.

Portanto, embora diferentes culturas possam manifestar esse mal-estar de várias maneiras, ele é um componente inevitável da vida cultural. As diferentes culturas possuem o seu mal-estar. Os sujeitos estão sempre precisando negociar suas identidades e comportamentos em relação às expectativas sociais. Dessa maneira, a tensão entre as necessidades individuais e as demandas coletivas é uma característica inerente à vida em sociedade.

Com as crescentes demandas, exigências e mudanças no mercado de trabalho, os (as) docentes estão cada vez mais atarefados (as) e exaustos (as) com as suas rotinas, levando essa classe ao esgotamento físico e mental. Como Araújo (2016, p. 19) cita: “muitas vezes sem tempo para atualizar seus conhecimentos e aperfeiçoar seus estudos, para que possa oferecer um ensino de qualidade”. Desse modo, essa sobrecarga resulta em conseqüências adversas tanto para os (as) professores (as), como para a qualidade do ensino e para o ambiente escolar como um todo. Araújo, (2016, p. 25) ainda diz que:

Uma das características inerentes aos indivíduos da modernidade é o desejo de serem os melhores no que fazem, medindo sua autoestima de acordo com o desempenho com o qual conseguem realizar seus objetivos, uma vez, não

realizado esse desempenho a frustração tem proporções muito intensas, levando ao mal estar diante da profissão, ocasionando problemas psicológicos, desgaste físico, causando fadiga e exaustão, levando os profissionais da educação ao afastamento de suas atividades por longos períodos. Esse afastamento é o momento em que o professor precisa para buscar seu “Eu”, e um significado para sua vida pessoal e profissional que ficou perdido em algum momento da caminhada em busca da perfeição em sua profissão.

O mal-estar, para Freud (1930; 2010), é justamente causado pela cultura e a nossa cultura impõe esse desejo de ser “melhor”, da busca pela “perfeição”. Na busca por esses ideais, o indivíduo acaba se frustrando quando não consegue atingir o que almeja, ou dá tudo de si por busca de reconhecimento social e sucesso. Contudo, isso gera um alto custo psicológico, gerando exaustão, estresse e angústia.

O mal-estar contemporâneo pode ser manifestado por meio de diversos sintomas psíquicos, que incluem ansiedade, depressão, síndrome do pânico e síndrome de burnout. Essas manifestações frequentemente refletem conflitos internos e dificuldades em lidar com as exigências da vida, que quanto maiores forem as exigências civilizatórias sobre o sujeito, maior será o seu mal-estar em relação ao mundo, resultando em sofrimento e paralisia diante de tarefas consideradas essenciais.

O mal-estar docente pode ser entendido como um reflexo dos conflitos internos e externos que os professores enfrentam no exercício de sua profissão. Fanizzi (2023, p. 16) diz que “As pessoas, de modo geral, estão cientes e concordam com o fato de que os professores sofrem em seu ofício”. Diante dessa perspectiva, percebemos que não é somente aqueles que sofrem que percebem o seu sofrimento, mas também aqueles que estão de fora conseguem perceber o mal-estar e o sofrimento dessa classe que é tão importante para a reprodução e transformação da sociedade e que não possui o valor que merece, especialmente os professores (as) da educação básica.

Sabemos que a docência possui muitos desafios e, quando nós adentramos na educação infantil, percebemos alguns desafios específicos que diferem daqueles enfrentados em outras etapas da educação. Isso porque as docentes assumem responsabilidades ainda mais significativas, pois são crianças menores, necessitam de um olhar mais atento e cuidadoso. Além disso, desempenham o papel de cuidar e educar todas as crianças.

Dessa maneira, buscamos ouvir como as docentes da educação infantil expressam seu mal-estar, quais são os sentimentos que permeiam a vida dessas professoras, a relação entre os desafios e o seu mal-estar, o que contribui para o aumento desse mal-estar na contemporaneidade. As participantes mostraram interesse pelo tema da pesquisa, relatando que normalmente as pesquisas sempre estão voltadas para o desenvolvimento das crianças e quase nunca para os (as) professores (as).

Para conhecer um pouco sobre os interesses profissionais das docentes, a primeira pergunta da entrevista foi: “Ser professora era a profissão que você almejava? Justifique”. A professora 1 respondeu:

Não, quando eu era estudante lá no ensino fundamental eu olhava e dava pra perceber o estresse já. A relação do ser humano com o outro nunca é uma relação fácil e eu dizia que eu não queria isso pra mim. Eu gosto muito do estudo, da educação, como o ser humano aprende, porém desde a graduação eu falo, o que me desencanta não é a educação e sim o sistema educacional.

Sobre o estresse já apontado pela professora, vale comentar que, conforme nos disse Freud (2010), a relação com os outros, não é fácil, e dessa fonte podemos experimentar bem mais o sofrimento. A causa do desencantamento, que a professora menciona ser o sistema educacional, se refere às condições de trabalho, as demandas, pressões e limitações, podendo gerar insatisfação pelo trabalho na área da educação. Como diz a professora 2: “Não almejava, porque a minha mãe era professora e eu via todo o trabalho dela e não queria isso pra minha vida”. Ou seja, as pessoas que estão de fora conseguem perceber e assumir que a docência não é uma tarefa fácil e exige muito dos profissionais.

Já as professoras 3, 4 e 5 relataram que ser professora era um “sonho” desde a infância. A professora 3 não achava que dava muito trabalho, afirmou pensar ser uma coisa e na hora ser totalmente diferente. Porém ainda assim não se vê em outra profissão. A professora 4, também afirmou ser uma profissão que almejava, porém de uns tempos pra cá, ela não sabe se realmente quer continuar, pois aponta ter várias implicações na sua vida. Isso a leva refletir sobre alguns aspectos com relação à sua saúde, e por isso, está com desejo de fazer outra graduação. A professora 5 disse que sempre brincava de escolinha e o desejo de ser professora veio desde criança.

Desse modo, nos relatos iniciais das professoras, podemos destacar a diversidade de experiências e perspectivas sobre a escolha da profissão docente. A partir das respostas obtidas, fica evidente que, apesar do interesse genuíno e da paixão pela educação, muitos desafios e desencantos surgem ao longo da trajetória profissional. Diante do que já foi exposto, sabemos que a docência não é uma profissão fácil de exercer diariamente e quando adentramos na etapa da educação infantil percebemos isso com mais intensidade, pois exige ainda mais do (da) profissional, devido às funções exercidas.

Diante disso, investigamos quais podem ser os fatores de desgaste e de sofrimentos das professoras e chegamos à conclusão de que esses fatores de desgaste e sofrimento, possuem uma relação direta com a nossa cultura contemporânea, pois a cultura é temporal, sujeita a transformações contínuas ao longo do tempo. O mal-estar de uma professora de 1980, não é o mesmo que o de uma professora de em 2024.

“Tal afirmação nos faz refletir sobre o crescente desgaste da profissão, sobretudo se levarmos em conta o contexto de políticas públicas educacionais dos últimos sete anos que vêm destituindo as professoras de sua autonomia” (Abreu; Melo, 2023, p. 2). Percebemos durante as entrevistas que a docência enfrenta desafios relacionados à evolução tecnológica, mudanças nas dinâmicas familiares, educacionais e sociais. Primeiramente, as professoras citaram algumas mudanças, sendo elas o aluno como o centro do processo, que outrora era o professor. Souza (2021, p.45) em sua obra, afirma que um dos motivos da desvalorização dos (das) profissionais da educação tem como consequência as transformações na educação, visto que antigamente o professor era o centro do processo e atualmente quem assume esse centro é o aluno/criança. Souza (2021, p. 45) diz que:

nos dias atuais, o professor deixou de ter o papel central na educação, já que o aluno se tornou o sujeito central e ativo da sua aprendizagem, a sociedade passa a exigir que o professor, como mediador, auxilie o aluno no processo de construção do conhecimento, devendo, dessa forma adotar determinadas atitudes, hoje traduzidas por alguns pesquisadores como novas competências, frente ao seu trabalho. Assim, de acordo com o autor supracitado Zaragoza (1999, p. 29), o fato de o professor não mais ser o centro do processo de aprendizagem alterou o status social do docente e requer um processo de formação inicial e continuada que considere o novo papel a ser desempenhado pelos professores.

Nesse sentido, observamos que as transformações culturais modificaram a organização do processo educativo, que passou de um extremo a outro. Se antes o professor era o centro do processo, hoje é o aluno. As duas situações nos colocam, enquanto educadores, em impasses de difícil solução, uma vez que, ao educarmos, estamos diante do laço, que envolve uma dialética entre professor e aluno, não havendo um lado que deva ter maior destaque na cena educativa. Portanto, se antes o mal-estar girava em torno da centralidade no professor, que impunha seus métodos e conteúdos de forma autoritária sobre os alunos, hoje observamos uma crise que aponta para o sofrimento em torno da necessidade de adaptação à centralidade do aluno, o que tem como uma das consequências a queda no lugar de autoridade do professor (Serra, 2023). Esse declínio da autoridade pode ser observado nas palavras da professora 3:

Antes o professor tinha mais autoridade sobre as crianças. Hoje o que é dito pelas crianças, é a verdade. Por mais que o professor esteja falando como foi, mas se a criança chega em casa e conta outra versão, o pai acaba acreditando na criança, mesmo ele sabendo que a criança é daquele jeito. Eles sempre acreditam que o filho deles é o certo.

A fala da professora revela um fenômeno que Fanizzi (2023) descreve como desautorização docente, em que a autoridade do professor é enfraquecida e sua palavra perde valor frente a outras instâncias, como a família. Ao relatar que os pais frequentemente acreditam na versão apresentada pela criança, mesmo cientes de que ela pode não estar sendo precisa, a professora evidencia uma inversão de papéis, onde o discurso infantil adquire mais credibilidade que o discurso docente. “Valor, autoridade e legitimidade são aspectos reiteradamente esvaziado no ofício docente” (Fanizzi, 2023, p. 66). Diante disso, é possível notar como a posição do professor (a) é enfraquecida, impactando sua atuação e reconhecimento.

Além do mais, este aspecto da cultura, que abrange a relação entre antigas e novas gerações, apontando para um apagamento do lugar do adulto, nos leva a observar que a falta de tempo dos pais com os seus filhos e a desimplicação nesta relação parecem desembocar em problemas psíquicos que já afetam a nova geração de professores (estagiários) antes

mesmo de assumirem à docência. As crianças, por sua vez, têm seus cuidados substituídos por telas, que, muitas vezes, ocupam seu foco, evitando assim a necessidade de que haja um cuidador presente. As professoras 1, 3 e a 5 afirmaram que está bem difícil a relação do professor com as crianças, apontando que há um comportamento cada vez mais desafiador, o que é bem desgastante e preocupante para os profissionais da educação. Elas observam que as crianças estão ansiosas e estressadas e são viciadas em telas. A professora 1 fala: “Hoje a gente consegue perceber isso muito latente nas crianças, o estresse e não é só da profissão, é da sociedade em geral. Eu percebo isso nas crianças, o quanto que a relação tá difícil. A questão comportamental e emocional das crianças tá tão deficiente.” Já a professora 3 compartilha do mesmo pensamento:

As crianças são altamente estressadas, com ansiedade, viciadas em telas, não tem paciência nem pra sentar e ouvir uma história. Como os pais não têm tempo, acabam dando aparelhos eletrônicos para os seus filhos ficarem quietos e fazerem o que eles têm pra fazer. Hoje os pais não possuem mais tempo para os seus filhos e acaba que a escola assume o papel das famílias.

A obra “Intoxicações Eletrônicas” organizada por Angela Baptista e Julieta Jerusalinsky (2017) retrata sobre o impacto das tecnologias digitais no desenvolvimento infantil e como o uso excessivo de telas pode contribuir para consequências adversas para as crianças. Os autores discutem como a exposição prolongada a dispositivos eletrônicos pode interferir na capacidade das crianças de se concentrar, regular suas emoções e desenvolver habilidades sociais adequadas.

Bernadino (2017), referindo-se a bebês e a crianças cita Lacan, que defende a teoria que o indivíduo precisa da linguagem para se constituir como sujeito, ou seja, valoriza a interação, porém o autor levanta um questionamento de quais são as consequências da relação com esses objetos virtuais? “Podemos afirmar que a introdução, cada vez mais precoce, das telas na experiência de vida do filhote humano traz um elemento estranho, mecânico, automático em seu funcionamento” (Bernadino, 2017, p. 157). Além disso, ele relata que as crianças atualmente estão tendo dificuldades para brincar, inventar, criar e adentrar no faz de conta. Sendo consequências do consumo televisivo precoce e excessivo. A professora 5 comentou que:

Lidar com os conflitos das crianças nos deixa muito cansadas e estressadas. A gente tá o tempo todo em busca de estratégias para melhorar as turmas, tem dia que a estratégia dá certo, tem dia que não, e aí a gente já tem que pensar em outra. Então, essa busca pela melhora causa muito cansaço mental, principalmente. Até quando eu vou dormir, eu tô buscando, pensando na minha turma, em algo melhor, uma estratégia nova para eles melhorarem.

Sabemos que nunca foi fácil lidar com o comportamento e os conflitos das crianças na educação infantil, mas as professoras percebem que essa relação está atualmente mais difícil e complicada. Fatores como a exposição exacerbada a tecnologias digitais têm contribuído para um ambiente de sala de aula mais desafiador, tornando a gestão da turma mais exigente para os professores (as).

Além disso, a professora 3 chamou a atenção sobre a condição psíquica das estagiárias que chegam à instituição, observando que antes de atuarem na docência, já estão com problemas como ansiedade e depressão. Ela enfatizou que essas questões são um reflexo das exigências da nossa cultura contemporânea.

Essa nova geração não está preparada, as estagiárias que estão chegando aqui, já chegam com problemas psicológicos, com ansiedade e depressão. Às vezes desistem no primeiro mês, chegam a chorar na sala. São muitas cobranças, nós estamos em uma sociedade que é só cobranças, parece que o ser humano é uma máquina. A pessoa acorda vai pro serviço, depois vai estudar, pra você ter um trabalho digno e ser bem sucedido. A pessoa não tem mais tempo pra família, aí no final de semana em vez de você se divertir, você vai estudar, fazer relatórios, fazer trabalhos. Então, algumas estagiárias apresentam alguns comportamentos e a gente percebe. Algumas já chegam e falam logo de cara (Professora 3).

Resgatando a contribuição de Freud (1930; 2010) mencionada anteriormente, que afirma que quanto maior forem as exigências da sociedade, maior será o mal-estar dos indivíduos. A professora 3 consegue identificar essas demandas, especialmente no que diz respeito à busca incessante pelo sucesso individual. Charlot (2023, p. 77) diz que “o que os homens têm em comum é o que, mais frequentemente, os separa e os opõe. O princípio de cada um por si em concorrência com os outros”. Ou seja, Charlot (2023) está destacando uma característica fundamental da sociedade contemporânea, a competição intensa entre indivíduos, uma cultura atravessada por um discurso individualizante que exige resultados e produtividade.

Outro ponto a considerar é que a subjetividade desempenha um papel crucial na forma como o mal-estar é experimentado e percebido. Cada professora vive e interpreta sua

realidade de maneira distinta, influenciada por suas experiências pessoais, sentimentos e percepções individuais. Assim, o mal-estar pode se manifestar de maneiras variadas, desde sintomas psicológicos como estresse, ansiedade, até efeitos físicos. Com isso, torna-se possível identificar como esse mal-estar impacta o cotidiano das docentes da educação infantil, não somente na escola, mas também na vida fora da escola. A pergunta que norteou as seguintes respostas foi: “Como esse mal-estar se manifesta em você?”. A professora 1 afirmou sentir mal-estar todos os dias, mal-estar físico, psicológico e emocional:

Às vezes a gente para e se pergunta, será o que eu tô fazendo aqui? Será que é isso mesmo que eu quero? e rever as questões das profissões, o mal-estar é diário. Usei as férias só para me consultar. Sinto dificuldade de autorregulação, cansaço psicológico, falta de concentração e confusão mental.

A professora 2 relatou que esse mal-estar não afeta diretamente sua saúde, pois ela dedica muita atenção ao cuidado com sua saúde física e mental. No entanto, destacou que sente grande insatisfação e indignação no seu ofício, deixando claro que a relação com o outro não é uma tarefa fácil. A professora 3 compartilhou que sente mal-estar há vários anos, mas que a situação piorou após o nascimento de seus filhos. Ela mencionou que estava tomando medicamentos e, recentemente, parou por um período.

Eu choro, fico angustiada, frustrada, ansiosa, iniciei desde o ano passado a tomar medicação. Uma ansiedade por conta de você tentar resolver tudo e não dar conta. A gente esquece do presente e já quer resolver o futuro. Tem dias que eu choro muito e parece que eu não vou conseguir. Sinto insônia, tristeza, estou com início de depressão, paraliso diante das atividades, sinto insegurança e estresse principalmente com os meus filhos.

Ferreira e Pereira (2012) contribuem em sua obra sobre os sintomas do mal-estar, que podemos identificar no relato da professora 3. A autora comenta os “atos prejudiciais” de Freud, referindo-se aos sintomas que assolam a vida dos seres humanos e trazem sofrimento. Esses sintomas, como o bloqueio diante de tarefas sob pressão, acabam paralisando o indivíduo, tornando-o incapaz de realizar atividades que são consideradas importantes.

A professora 4 relata que sente mal-estar, se estressa e acaba levando isso para casa. Ela mencionou que essa situação estava prejudicando muito sua saúde, pois tinha crises de ansiedade. No entanto, afirmou que atualmente tem trabalhado bastante essa questão e tenta

não levar os problemas da escola para a vida pessoal: “Isso é coisa de lá, então deixa pra lá, porque senão, eu hoje em dia, estaria tomando remédio.” Embora se sinta frustrada e ansiosa, ela observa que essa sensação agora é menos intensa; anteriormente, ela sentia mais, mas hoje já consegue lidar melhor com essa questão.

A última professora expressou sentir esse mal-estar todos os dias, o qual a afeta tanto na escola, como na vida pessoal. Ela mencionou que toma remédio diariamente e sente muito estresse e cansaço mental: “Eu acordo todos os dias com o corpo todo dolorido, a sensação é de que eu nem descansei. Sofro de ansiedade e faço tratamento”.

Diante do exposto, quando falamos de mal-estar docente, estamos nos referindo a um conjunto de sintomas que são manifestados nos (as) docentes como: estresse, desânimo, angústia, culpa, ansiedade, depressão, síndrome de burnout, exaustão mental e exaustão física. Araújo (2016, p. 22) afirma que “O termo mal estar docente está vinculado ao estresse contínuo causado pela insatisfação no ambiente de trabalho e a falta de reconhecimento que culmina na apatia diante do trabalho”.

Esse conjunto de depoimentos das professoras demonstra a complexidade do mal-estar e sofrimento na docência, especialmente na educação infantil. Esse mal-estar se manifesta nelas por meio da insatisfação, indignação, estresse, frustração, choro, angústia, tristeza, depressão, ansiedade, incapacidade, insônia, paralisia diante das atividades, cansaço psicológico, falta de concentração e confusão mental. Cada uma das professoras descreve como esse mal-estar se manifesta de maneira única, mas a maioria compartilha de sintomas semelhantes como o de estresse, ansiedade e frustração.

### **Figura 1 – O que sentem as professoras?**



**Fonte:** Organizado pela autora (2024).

A figura 1 ilustra os principais sentimentos e sintomas relatados pelas professoras entrevistadas, destacando a presença do mal-estar na docência da educação infantil. Diante do exposto, os resultados evidenciam que o mal-estar docente na educação infantil tem grande influência da nossa cultura contemporânea. Assim, é necessário reconhecer que o mal-estar não pode ser compreendido isoladamente, mas deve ser analisado a partir do nosso contexto cultural. A pesquisa expõe fatores como a evolução tecnológica, mudanças nas dinâmicas familiares e a transformação das políticas educacionais, que têm contribuído para o aumento do mal-estar das professoras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, consideramos que a pesquisa atingiu os objetivos propostos, mostrando como as docentes da educação infantil expressam seu mal-estar em relação à prática pedagógica. Percebeu-se que esse mal-estar se manifesta de várias formas incluindo sintomas como: ansiedade, frustração, estresse, depressão, tristeza e confusão mental.

A pergunta central da pesquisa, sobre quais fatores contribuem para o mal-estar das docentes, foi respondida de forma satisfatória. Os resultados obtidos evidenciam que o mal-estar das docentes está profundamente ligado à cultura contemporânea e suas exigências,

uma vez que a pressão constante por desempenho e produtividade tem um impacto significativo na condição psíquica das professoras. Para além disso, as transformações tecnológicas e sociais, as mudanças nas dinâmicas familiares, bem como mudança do foco do professor para o aluno no processo educativo, como apontado por Souza (2021), são fatores que têm exacerbado o sofrimento das professoras, criando um ambiente de trabalho mais desafiador e estressante.

Essas condições têm resultado em um desgaste psicológico e emocional considerável para as docentes. Além disso, observou-se que estagiárias enfrentam problemas psíquicos antes mesmo de começarem a docência, refletindo a pressão intensa e a competição exacerbada presente na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Roberta Melo de Andrade; MELO, Estefani dos Reis. Reflexões sobre o mal-estar docente no campo da educação infantil. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 26, p. 1-23, 2023. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

ARANDA, Silvana Maria. **Mal-estar docente**: olhares sobre o mal-estar docente. Curitiba: Bangai, 2023.

ARAUJO, Dhanyele Sousa; OLIVEIRA, Francisca Keila Ribeiro de; COSTA, Inácia Nathalia Oliveira da. O outro lado do paraíso: os desafios da docência na educação infantil. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES, 6., 2019, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO\\_EV124\\_MD1\\_SA70\\_ID440\\_24082019000157.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO_EV124_MD1_SA70_ID440_24082019000157.pdf). Acesso em: 6 abr. 2024.

ARAUJO, Iara Martins de. **A precarização do trabalho docente e os motivos do adoecimento do professor da educação básica**: uma visão crítica. 2016. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico**. João Pessoa: Polo de Multimídia da Universidade Federal da Paraíba, 2008. Disponível em: <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Assis-Metodologia.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2024.

BAPTISTA, Angela (org.); JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERNADINO, Leda Mariza Fischer. Da babá “catódica” aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. In: BAPTISTA, Angela (org.); JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017. p. 146-165.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie?: uma escolha para a sociedade contemporânea**. Tradução: Sandra Pina. São Paulo: Cortez, 2020.

FANIZZI, Caroline. **O sofrimento docente: apenas aqueles que agem podem também sofrer**. São Paulo: Contexto, 2023.

FERREIRA, Mônica Baldiotti Campolina; PEREIRA, Marcelo Ricardo. O mal-estar docente na educação infantil. In: Retratos do mal-estar contemporâneo na educação, 9., 2012, São Paulo. **Proceedings online**[...]. São Paulo: USP, 2012.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos 1930-1936**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).

GALVAO, Afonso Celso Tanus; BRASIL, Ive. Desafios do ensino na Educação Infantil: perspectiva de professores. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 73-83, 2009. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672009000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 5 abr. 2024.

GUISSO, Sandra Maria. **Educação infantil: história, formação e vivência**. Ponta Grossa: Atena, 2020.

KUPFER, Maria Cristina Machado; LERNER, Ana Beatriz Coutinho. Retratos do mal-estar contemporâneo na Educação Infantil. In: VOLTOLINI, Rinaldo (org.). **Retratos do mal-estar contemporâneo na educação**. São Paulo: Escuta, 2014. p. 221-240.

LIMA, Lucinete Marques. **Metodologia da pesquisa educacional: conceitos e orientações metodológicas**. São Luís, 2012.

LOPES, Ediane Carolina Peixoto Marques; CAPRIO, Marina. As influências do modelo neoliberal na educação. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 5, p. 1–16, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9152>. Acesso em: 3 jul. 2024.

MARTINEZ, Deolidia. Mal estar docente. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancellia; VIEIRA, Livia Maria Fraga. **Dicionário:** trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: Universidade Federal de Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/106-1.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2024.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Tradução: Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SANTOS, Yara Magalhães dos. Do mal-estar social ao mal-estar docente: contribuições da psicanálise. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 60, p. 127-146, 2020. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-70432020000400127&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432020000400127&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 28 mar. 2024.

SERRA, Lia Silva Fonteles. Autoridade e discurso pedagógico contemporâneo: apontamentos a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) brasileira. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 30, p. e15341, 2024. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/15341>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SOUZA, Fernanda Maria Galvão de. **O mal-estar docente na educação infantil.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

---

*Recebido em:* 25/3/2024.

*Aceito em:* 6/11/2024.

*Publicado online em:* 25/3/2015.